

# SELEÇÕES

TOMO XX  
No. 118

do Reader's Digest

NOVEMBRO  
de 1951

*Condensações de artigos de interêsse permanente*



Deve o clero, sob o regime comunista, abjurar da sua fé ou abandonar o seu rebanho?

## O DILEMA DO PADRE PROKOP

*(Condensado de «The Atlantic Monthly»)*

Por Joseph Wechsberg

**C**ONHECI o Padre Prokop (como será chamado aqui) uma noite, há pouco tempo, numa casa de fazenda, perto da orla da floresta que marca a fronteira entre a Tchecoslováquia e a zona norte-americana da Alemanha. O nosso encontro fôra planejado por um amigo de confiança. O Padre Prokop vestia-se à secular e não usava o colarinho eclesiástico. Filho de uma família de camponeses tchecos, tem passado a maior parte da vida numa aldeia tcheca próxima dali.

—Eu sempre compreendi o povo da minha aldeia e sempre fui com-

preendido por todos. Sabem que o meu lugar é lá, disse-me êle. E agora alguns dêles não acreditam mais em mim. Isso é que é o pior de tudo.

Lia-se nos seus olhos a mais profunda consternação. Perguntei-lhe como tinha começado aquilo.

—Desde que «êles» tomaram conta do país, em fevereiro de 1948, eu andava com mêdo de que houvesse mudanças, disse o Padre Prokop. Numa tarde de agôsto, dois membros do Comitê Nacional da minha aldeia foram procurar-me. Um dêles era Kratochvil, o professor primário e

principal teórico do comunismo na aldeia.

Kratochvil disse-me que êles tinham boas notícias. O Comitê Nacional resolvera mandar consertar o telhado da igreja. O dinheiro necessário seria fornecido pelo Estado. O Padre Prokop ficou estupefato. Havia muito que a velha igreja precisava de consertos. Entretanto, o seu primeiro impulso foi de recusar. Sabia que o oferecimento não era um ato de generosidade dos comunistas. Aquilo seria usado, provavelmente, como truque de propaganda.

O Padre Prokop disse que teria de discutir o assunto com o seu superior hierárquico.

Kratochvil riu.

—Esqueça o seu superior. Arranjaremos homens e material e, em dois tempos, o serviço ficará pronto.

Muita coisa estava acontecendo naquele outono de 1948. O govêrno começava a colhêr assinaturas de padres que «pediam» para serem transformados em funcionários públicos, pagos pelo Estado. Os padres que se negavam a assinar eram presos pela Polícia de Segurança Nacional. Na Eslováquia, velho baluarte da Igreja Católica, os camponeses procuravam esconder os padres, lutando com a polícia, armados de foices e forcados.

Tudo isso perturbava extremamente o Padre Prokop. Nunca se interessara pela política. Só queria servir a Deus e aos seus paroquianos. A sua vida fôra até então regular e tranqüila de dia para dia.

Celebrava missa cedo, às seis horas da manhã. Depois, ia para a escola onde ensinava Religião e Geografia. À tarde, trabalhava no seu jardim e no campo atrás da igreja. Os paroquianos procuravam-no constantemente. Até gente como Kratochvil, que costumava fazer críticas à religião, procurava o Padre Prokop para pedir-lhe conselho sôbre questões pessoais. Havia doentes que precisavam dêle e, de vez em quando, um casamento, um batizado ou um entêrro. Às vêzes, o Padre Bednárek chegava da aldeia vizinha para tomar uma xícara de café e conversar um pouco. Havia pequenas recompensas: alguns presentes pelo Natal, um copo de vinho uma vez por outra na hospedaria, um jôgo de cartas com o prefeito, o médico e Kratochvil. Era uma vida boa, e, aos domingos, a igreja estava sempre cheia.

Foi então que os alemães ocuparam o país. A igreja do Padre Prokop tornou-se um refúgio espiritual para a apavorada população da aldeia e um centro de vida nacional. Os nazistas não gostavam dêle, mas nunca o trataram mal. Prenderam por «traição» um certo número de altos dignitários da Igreja, sendo alguns bispos levados para campos de concentração, mas os padres não foram muito incomodados. Quando fugitivos da Gestapo iam pedir auxílio ao Padre Prokop, êste lhes dava abrigo até que pudessem prosseguir viagem.

Quando os comunistas subiram ao

poder, menos de três anos depois da Libertação, o Padre Prokop procurou iludir-se dizendo: «Não hão de ser piores do que os nazistas». O próprio Arcebispo Beran celebrou na catedral de S. Vito, em Praga, um *Te Deum* pela eleição do novo presidente, Klement Gottwald. Os homens da aldeia que haviam ingressado no Partido Comunista continuaram indo à igreja regularmente. Kratochvil não perdia uma só missa.

Algumas semanas depois, o Padre Prokop leu nos jornais que duas figuras proeminentes do Partido Católico tinham sido prêsas quando procuravam sair do país. Daí por diante, quase todos os dias havia notícias inquietantes. A Igreja foi obrigada a abandonar os seus orfanatos, jardins de infância e escolas primárias e secundárias. Pelas novas leis de reforma agrária, 317 mil hectares de terras de propriedade da Igreja foram desapropriados pelo Estado.

Na primavera de 1949, foi estabelecido em Praga um Ministério dos Negócios Eclesiásticos, sob a direção do Dr. Alexej Cepička, duro e competente organizador, chefe militante do movimento anti-religioso. O seu ministério logo fechou todos os jornais religiosos, proclamou-se árbitro único de tôdas as questões eclesiásticas e começou a nomear os funcionários clericais. As peregrinações anuais da festa de Corpus Christi foram abolidas e o clero recebeu instruções para levar os seus fiéis aos comícios «pró-paz».

Um departamento especial do Ministério Eclesiástico foi encarregado de escolher citações da Bíblia—muitas vêzes em desacôrdo com o texto—que pudessem ser aplicadas ao comunismo e hàbilmente encaixadas na «campanha pró-paz» de Moscou. Até parecia que a Bíblia fôra escrita por marxistas.

—Eu vivia extremamente preocupado, disse-me o Padre Prokop. Continuamente me perguntava que deveria eu fazer ou que *poderia* fazer. Por fim, os 14 bispos do país reuniram-se e condenaram o regime comunista. Vários bispos escreveram severas cartas pastorais contra o regime. Recebi duas do meu bispo, que li do púlpito, como era do meu dever. Depois da segunda, Kratochvil foi procurar-me. Se aquilo tornasse a acontecer, disse, êle me mandaria prender. Respondi-lhe que fôsse tratar da sua vida. «Está bem, disse êle, se quer fazer o papel de mártir, pode continuar a ler as pastorais.» Os jornais diziam que «traidores de vestes eclesiásticas» estavam sendo presos em todo o país. De uma feita achavam-se na prisão mais de mil padres, o que representava uma proporção de um para sete no conjunto do clero.

Numa tarde, continuou, em maio de 1949, o Padre Bednárek me apareceu em casa em traje secular. Estava percorrendo a diocese para distribuir entre os padres de aldeia uma nova carta pastoral. Por duas vêzes, a polícia secreta quase o havia pegado. Deu-me a minha cópia e

perguntou-me: «Vai lê-la domingo na igreja, não vai?»

O Padre Prokop voltou-se para mim. No seu rosto severo viam-se as rugas que o sofrimento cavara.

—Uma pessoa pode tentar pedir conselho a outrem, mas, mais cedo ou mais tarde, estaremos inteiramente a sós com a nossa consciência, disse êle em voz baixa, como se estivesse falando consigo mesmo. Rezamos. Só Deus pode dizer-nos o que devemos fazer. Que é mais certo? A lealdade à Igreja ou a lealdade aos seus paroquianos? Resistir, ser prêso e deixar o seu povo sòzinho ou ceder e ficar ao lado dêle? É um dilema perpétuo e insolúvel.

—Leu a pastoral? perguntei-lhe.

—Não, não li. Mas o Padre Bednárek leu-a e foi prêso e condenado a cinco anos de trabalhos forçados. Agora, tenho de ir à paróquia dêle duas vêzes por semana para atender às necessidades mais urgentes. Do último inverno passado para cá, já fiquei encarregado de mais duas paróquias cujos padres foram presos. Quatro paróquias não são demais. Há um distrito em Praga onde um padre toma conta de oito igrejas.

Olhou para as mãos durante algum tempo e disse:

—Eu não tenho mêdo de ir para onde está o Padre Bednárek. Mas durante todo o tempo não paro de pensar se a minha prisão seria de alguma ajuda para os meus fiéis que agora precisam mais do que nunca de orientação espiritual. Um dia, pouco depois da prisão do Padre

Bednárek, o velho Holub foi falar comigo. Estava em lágrimas. O filho mais velho dêle entrara para a milícia dos trabalhadores comunistas e o mais moço, de 12 anos, disse à família que não iria mais à igreja. «Não nos abandone agora», disse-me o velho. «Nunca precisamos mais do senhor do que agora. Sem o senhor, estaremos perdidos.»

Talvez, disse comigo mesmo, talvez êsse velho esteja certo. Se eu fingir que coopero com os comunistas, ao menos ainda poderei orientar os meus paroquianos. É claro que não poderei fazer isso do púlpito. Nada me impedirá, porém, de visitar as pessoas, e de conversar e rezar com elas. Às vêzes, chego a ficar espantado comigo mesmo. Nunca fui um líder. Sempre me contentei em seguir os outros, em ser um simples soldado de Cristo, deixando os planos para os generais. E agora...

O padre não concluiu a frase.

Em princípios de 1950, o Estado se atribuiu o direito de registrar os casamentos e nascimentos, direito êsse que, durante séculos, sempre foi exercido pela Igreja. Nenhum cidadão agora pode casar-se na Igreja sem antes ser casado por um representante do Comitê Nacional local, diante dos retratos de Stalin e Gottwald. Tôdas as coletas de igreja foram abolidas. O Padre Prokop tornou-se funcionário público e recebe um salário mensal. Foi avisado também de que os seus serviços na escola pública da aldeia não eram mais necessários.

Tôdas as semanas, o Padre Prokop recebe uma avalanche de instruções do Ministério Eclesiástico, as quais têm de ser lidas do púlpito, sem acrescentar nem suprimir coisa alguma. Quem fiscaliza essa parte é Kratochvil, um dos 15 mil «secretários da Igreja» nomeados pelo Ministério Eclesiástico em tôdas as comunidades da Tchecoslováquia. Êsses «secretários» têm o papel de «intermediários» entre o Ministério e o clero e são «responsáveis pela vida religiosa da comunidade». «Nós o ajudaremos a chegar à maturidade política», disse Kratochvil ao Padre Prokop.

O padre quase sentiu um alívio quando recebeu ordem de ir frequentar durante quinze dias um curso de Educação Política na Faculdade de Teologia da Universidade de Praga. Recomendaram-lhe que fizesse a viagem com as suas vestes eclesiásticas para que a polícia pudesse exercer constante vigilância sobre êle.

—Pensei que nada mais fôsse capaz de causar-me espanto, mas não queira saber as coisas que eu ouvi na tal Faculdade de Teologia! continuou o Padre Prokop. O raciocínio dêles é mais ou menos o seguinte: «Cristo sacrificou a vida para dar-nos paz. O nosso país, do mesmo modo que as outras democracias do povo e a União Soviética, quer a paz. Em todos êsses países, os partidos comunistas são a força propulsora». Por conseguinte, argumentavam, êles têm os mesmos

fins de Cristo. Quem é contra o comunismo é contra a paz e também contra Deus.

Vocês, do mundo ocidental, prosseguiu êle, dificilmente poderão avaliar o completo e diabólico efeito da chamada campanha de paz sobre o nosso povo. Naturalmente, todo o mundo deseja a paz! Quando se fazia pressão para que todos os habitantes de aldeia assinassem a resolução de Estocolmo, Kratochvil e sua quadrilha foram procurar-me também. Consegui esquivar-me e fui consultar o meu superior.

O velho Vigário-Geral parecia doente e abatido.

—Alegro-me que você tenha conseguido vir, disse êle ao Padre Prokop. Preciso falar-lhe e não ficarei aqui muito tempo mais. Estão preparando um julgamento contra mim.

O Padre Prokop ficou espantado.

—Mas por quê?

—Ora, as acusações de costume: espionagem, traição, crimes contra a república... Mas falemos sobre essa tal resolução de paz de Estocolmo. Espero que você a assine. Êles são espertos. Estão lutando para conquistar *você*. Êles querem *vocês*, os modestos padres, do seu lado, porque vocês darão autoridade aos seus planos.

Bem sei o que você está pensando, continuou o Vigário. Ser prêsso é mais fácil, porque nos livra da tortura espiritual. Mas você não deve fazer isso. Procure ficar no seu posto. Terá de representar dois dife-

rentes papéis: um para o público e outro para a sua Igreja. Veja o que aconteceu na Letônia, na Estônia e na Lituânia, onde a Igreja travou uma luta declarada. Hoje, ali, os fiéis têm até medo de ser vistos na igreja. Na Rumênia e na Bulgária, a nossa Igreja deixou praticamente de existir. Temos de ganhar tempo. Daqui a um, cinco ou 50 anos, o pesadelo comunista terá passado. Alguns decênios nada significam na nossa história de dois mil anos.

O Padre Prokop não tornou a ver o seu superior. Três semanas depois, o Vigário foi prêso. O Padre Prokop e os outros padres da diocese tiveram ordem de ir assistir ao julgamento.

—Foi uma representação bem ensaiada, disse-me êle. O Vigário foi sentenciado a 12 anos de prisão num campo. Deus foi bom para êle. Morreu pouco depois, de pneumonia.

O Padre Prokop levantou-se e apontou da janela para as árvores que marcavam ao longe a fronteira.

—Tenho de voltar antes de amanhecer. Creio que o senhor imagina por que estou aqui dêste lado da fronteira?

Eu disse que desconfiava disso. —É verdade, disse êle. Ajudei dois dos nossos a entrarem na zona americana. Se alguém, há dois anos, me dissesse que eu iria violar as leis do meu país! Bem, creio que esta será a minha última viagem. Fui transferido para uma paróquia na Boêmia Central, onde não tenho amigos e não posso confiar em ninguém. Muitos padres têm sido transferidos para que a vigilância sobre nós exercida seja mais estreita. Mas já tomei a minha decisão e procurarei resistir tanto quanto me fôr possível.

Há poucos dias, prosseguiu, soube que na Hungria acrescentaram às leis eclesiásticas uma cláusula secreta, segundo a qual todos os padres são obrigados a revelar as informações recebidas dos fiéis no confessional. Dentro em breve, já não se poderá falar livremente na confissão.

Os comunistas estão agindo com muita astúcia. Mas não terão a vitória final, acrescentou, abanando a cabeça com sorridente convicção. A inquietação havia desaparecido do seu olhar. Ninguém pode impedir milhões de pessoas de crerem em Deus.

**A**BORDADA por um guarda de motocicleta, por estar guiando com velocidade excessiva, não procurei discutir com o representante da lei. Do assento traseiro, entretanto, minha tia idosa tomou, solícita, a minha defesa:

—Ora, seu guarda, ela ia com a mesma velocidade de sempre.

—Nancy M. Sherman